



Equipas de Nossa Senhora

“DEIXANDO TUDO, ELAS O SEGURAM”

2. O casal contemplando o rosto de cristo sofredor

Berta e José MOURA SOARES
Portugal Super Regionals

Melbourne 2002

1. Uma nova realidade: luzes e sombras

Inebriada ainda pela alegria da celebração jubilar, a Igreja do novo milénio reconhece-se privilegiada porque encontra na sociedade de hoje, apesar de tantas contradições, a conquista de alguns valores fundamentais e uma configuração diferente das aspirações da humanidade.

Hoje mais do que nunca, assistimos a uma sede de justiça e de paz mais forte e generalizada, a um sentido mais vivo do cuidado do homem pela criação e pelo respeito da natureza, a uma procura mais aberta da verdade e do respeito pela dignidade humana. É comum, nos nossos dias, a valorização da justiça, da solidariedade, da liberdade e da paz.

Todavia, na aurora do novo milénio não se pode dizer que a humanidade fez tudo quanto é necessário para salvaguardar e realizar a inteira verdade e a plena dignidade do matrimónio e da família.

Propostas sedutoras, oferecidas como resposta aos graves e diários problemas da vida matrimonial e familiar, acabam por comprometer a verdade e a dignidade da pessoa humana e põem em perigo a liberdade e a capacidade de julgar com objectividade¹. Tudo isto alargou o rio dos sofrimentos humanos, já grande em virtude da fragilidade da natureza humana e do pecado, com o acréscimo de sofrimentos infligidos por opções negativas.

Como responder a tantas situações de sofrimento nas famílias? Que sentido para a vida podem ter os casais marcados por crises conjugais contínuas? Onde encontrar a estabilidade e a felicidade quando os problemas, as angústias, as dores e aflições seguem sempre a par da vida familiar?

2. O sofrimento como fonte de esperança

O sofrimento faz parte do mistério do homem sobre a terra. Certamente, é justo lutar contra o sofrimento, porque a felicidade, o bem-estar são um dom de Deus. Mas é importante também saber ler o desígnio de Deus quando o sofrimento bate à porta. A “*chave*” dessa leitura é constituída pelo mistério da Cruz de Cristo. A partir de então, todo o sofrimento adquiriu *uma possibilidade de sentido*, que o torna singularmente precioso. Há dois mil anos, desde o dia da Paixão, a Cruz brilha como a maior manifestação do amor que Deus tem por nós. Quem a sabe acolher na sua vida experimenta como o sofrimento, iluminado pela fé, se torna fonte de esperança e de salvação.

Cristo não realizou apenas na Sua pessoa o sacrifício redentor, mas também apontou aos homens este caminho como sendo o caminho único para a salvação e perfeição, propondo-se como modelo a todos os cristãos: “*Eu sou o caminho, a verdade e a vida.*”² A vida cristã será, portanto, a *imitação de Cristo* crucificado.

3. Contemplar o rosto sofredor de Cristo

Nesta circunstância, é em particular a Cristo sofredor que o nosso olhar se dirige.

¹ Cf. JOÃO PAULO II, *Familiaris Consorti*, 6.

² Jo 14,6.

Segundo a *Novo Millennio Ineunte*, é contemplando o rosto doloroso de Cristo que se descobre o mistério do amor salvífico de Deus. João Paulo II não hesita em falar de “*mistério no mistério*”: “*A nossa contemplação do rosto de Cristo trouxe-nos até ao aspecto mais paradoxal do seu mistério, que se manifesta na hora extrema, a hora da Cruz. Mistério no mistério, diante do qual o ser humano pode apenas prostrar-se em adoração.*”³”

Jesus dava-se conta de que estava absolutamente só. Mas decidiu seguir adiante, embora não entendesse o motivo de tudo aquilo. Ele, que sempre tinha sentido a proximidade de Deus, agora não encontrava outra resposta senão o silêncio: um silêncio que o leva a gritar na cruz as palavras do Salmo: “*Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*”⁴”

Por fim, Jesus faz a última e definitiva descoberta acerca do Pai no fim da Sua vida: Deus não intervém na história dos homens para a alterar, não é o Deus forte, mas o Deus débil que se submete à vontade dos homens. E Jesus aceita até ao limite a Sua condição humana e entrega-se à morte para que se cumpra a vontade de Deus, apesar de permanecer mudo ante o grito do inocente torturado e massacrado e na paixão que se avizinha manterá a atitude de toda a sua vida: confiança total em Deus, embora não entenda o Seu proceder. Jamais O renega e o Seu último suspiro é para dizer: “*Pai, nas Tuas mãos entrego o Meu espírito.*”⁵”

Sendo o sofrimento uma componente inevitável da vida humana e do próprio mundo, que geme e sofre esperando ansiosamente a revelação dos filhos de Deus⁶, somos convidados a contemplar a Cristo e a captar n’Ele o sentido deste drama. A contemplação de Cristo sofredor tende a ser um estímulo para se viver com Ele os sofrimentos pessoais e contemplar no próprio corpo a Paixão de Cristo.

4. O valor redentor do sofrimento

Acreditamos que a cruz é o sinal do cristão não por masoquismo espiritual, mas porque é fonte de vida e de libertação total, como sinal que é do amor de Deus ao homem por meio de Jesus Cristo. O amor que testemunha a sua cruz é a única força capaz de modificar o mundo, se nós, que nos dizemos seus discípulos, seguirmos o seu exemplo.

Todavia, é na dor e no sofrimento que fazemos a reflexão mais profunda da nossa vida e procuramos humildemente descobrir-nos a nós mesmos, a nossa condição terrena, a nossa dignidade e a nossa missão neste mundo. É neste sofrimento que o nosso espírito se fortalece e procura o conforto de Deus, na certeza de que os sofrimentos do tempo presente não têm comparação com a glória que deverá revelar-se em nós.

Mas porquê falar da morte e da cruz de Cristo a propósito desta realidade tão forte como é o amor do homem e da mulher?

O amor humano tem o seu fundamento no amor que o próprio Deus nos dedica na Sua grandiosa presença na nossa vida. É no contexto do mistério Pascal que se compreende, na sua plenitude, o sacramento do matrimónio: e foi este o âmagô da nossa reflexão.

Jesus deixa-nos o convite: “*Quem quiser ser meu discípulo, negue-se a si próprio, tome a sua cruz dia após dia e siga-Me*”⁸.

Somos discípulos d’Aquele que passou pela cruz e pela morte mas precisamos de perceber que “*se o grão de trigo caído na terra não morrer, fica só, mas se morrer dará muito fruto.*”⁹”

³ JOÃO PAULO, *Novo Millennio Ineunte*, 25.

⁴ Mt 27,46b.

⁵ Lc 23,46.

⁶ Cf. Rom 8,22.

⁸ Lc 9,23

⁹ Jo 12,24

O Cristo sofredor e doloroso quer associar-nos a Ele. Convida-nos, pede-nos ajuda para colaborar na redenção do mundo, aceitando a dor, o sofrimento, a cruz, como oferta necessária à própria salvação e à do mundo inteiro, aceitando a nossa vocação até à sua raiz mais profunda que é ser “*grão de trigo*” para que os outros tenham vida e a tenham em abundância.

Mas a experiência de vida com sentido cristão do sofrimento e à luz da fé leva-nos ainda mais longe. Jesus quis identificar-se com cada homem e dum modo particular com o doente, o preso, com o que tem fome e sede de justiça, o que está só, o que é perseguido, numa palavra com o que sofre.

Não é a dor que importa. A dor é injusta e a injustiça é cruel e deixa marcas. Não importa a cruz mas o crucificado que em breve ressuscitará. É a loucura do amor que nos levará à identificação com Jesus sofredor, para que possamos procurar na redenção da nossa vida de casal, a salvação dos homens.

Para os casais, a vida conjugal é uma oportunidade riquíssima de santificação. A todo o instante, precisam de lutar contra as constantes fontes do sofrimento diário, de combater o próprio egoísmo, a vaidade e o desejo de dominação, para se tornar, com o outro, aquilo que é o sentido do matrimónio: “*uma só carne*”, uma só vida, sem divisões, mentiras, fingimentos, azedumes, mau-humor, reclamações, lamúrias.

A luta diária para ser “**exemplo para os filhos**”, para manter a fidelidade ao outro, para “**vencer-se a si mesmo**”, a fim de se construir um lar maduro e santo, faz com que os casais caminhem em direcção à sua santificação.

O amor do casal é o sinal e o símbolo do amor de Deus à humanidade e o amor de Cristo à Igreja¹⁰. Ao pôr-se a caminho para conquistar “**esse amor**”, o casal santifica-se.

5. Dom e missão

A fé ensina-nos a procurar o significado último do sofrimento na Paixão, Morte e Ressurreição de Cristo. Por isso somos chamados a desenvolver um olhar de fé sobre o misterioso valor da vida, sobretudo quando esta se apresenta frágil e vulnerável. Animados pela fé em Cristo, não nos podemos deixar vencer pelo desânimo; pelo contrário, imitando Jesus, temos que fazer do sofrimento e da dor uma fonte de purificação e de salvação para nós próprios e para os outros.

O rosto transfigurado, desfigurado e glorificado do Senhor são expressões complementares do mesmo mistério da salvação do homem a encontrar na Páscoa a plena realização da Encarnação, pois, assumindo a humanidade, Cristo eleva-a, tornando-a participante da glória divina que possui.

Tal como a vocação de Filho de Deus não é a de ficar para sempre esmagado – Cristo é portador de uma esperança, a esperança da libertação – nós, casais cristãos, havemos de ser semente de esperança, através do apreço pelo homem, na sua dignidade, do respeito pela sua pessoa, do cuidado pela sua integridade e da construção de sociedades mais justas e fraternas.

O nosso tempo precisa dramaticamente de Cristo e Cristo, com os braços abertos e o rosto ensanguentado oferece-se de forma apaixonada aos homens de todos os tempos, fazendo-se assim cumprir as escrituras. “*O reino de Deus está próximo.*”¹²

¹⁰ cf. Ef 5,21s.

¹² Mc1,15

Com Maria, os casais cristãos elevam ao Senhor o “*Magnificat*”, que é o cântico da esperança de todos os pobres, doentes e sofredores do mundo, que exultam de alegria porque sabem que o Deus Salvador está ao seu lado.